



# EKAABO: UM PROJETO FORMATIVO ENVOLVENDO A INFORMÁTICA E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Fábio Luiz Faria da Silva

fabio.silva@ifms.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

**Resumo.** Apesar dos espaços de ensino médio e fundamental no Brasil atualmente estarem respaldados pela Lei nº 10.639/03, que obriga o ensino sobre a História e cultura Afro-brasileira, na prática, a efetivação dessa lei deixa muito a desejar. No entanto, o corpo docente das escolas pode contribuir com essa temática por meio de ações concretas que impliquem a participação direta das/os alunas/os. O projeto Ekaabo traz uma discussão importante sobre escola, religião e diversidade, elaborado para que possa servir como apoio para o/a professor/a levar o debate sobre diversidade cultural e religiosa e valorização das identidades entre as/os estudantes de forma reflexiva. Esse artigo apresenta também uma revisão bibliográfica e documental sobre o tema da ausência da discussão sobre a pluralidade ético-racial nos meios de ensino, o que, conseqüentemente, fortalece o mito da democracia racial. Para além dos resultados concretos, como o desenvolvimento do site, organização e execução de palestra e participação na semana pedagógica do IFMS, Ekaabo é um exemplo de projeto formativo que se propõe a contribuir para com a discussão antirracista e emancipação do sujeito pela educação.

**Palavras Chave.** Educação antirracista, Informática, Lei nº 10.639/2003.

**Abstract.** Although the secondary and elementary education spaces in Brazil are currently supported by Law nº 10.639/03, which requires the teaching of Afro-Brazilian History and Culture, in practice, the implementation of this law leaves much to be desired. However, the teaching staff of schools can contribute to this issue through concrete actions that imply the direct participation of students. The Ekaabo project brings an important discussion about school, religion and diversity. However, it can serve as a support for the teacher to lead the debate on cultural and religious diversity and valorization of identities among students in a reflective way. This article also presents a bibliographical and documental review about the absence of discussion about ethical-racial plurality in the teaching environment, which, consequently, strengthens the myth of racial democracy. In addition to the concrete results, such as the development of the website, organization and execution of a lecture and participation in the IFMS pedagogical week, Ekaabo is an example of a training project that aims to contribute to the anti-racist discussion and the emancipation through education.

**Keywords.** Anti-racist education, Computing, Law No. 10.639/2003.



## 1. Introdução

A escola, espaço primeiro de socialização coletiva, de formação de identidades e que deve ser um ambiente de transformações, pode revelar-se hostil com determinados grupos, pois no ambiente escolar podem ser compartilhados preconceitos raciais, de gênero, de classe e idade. Devido à formação estrutural racista das escolas, temas que envolvem a condição da pessoa negra sofrem barreiras ao serem tratados neste ambiente e, mesmo após quase 20 anos da Lei nº 10.639/03<sup>1</sup>, encontramos dificuldades em efetivá-la, seja nos projetos de ensino, pesquisa, extensão ou dentro das unidades curriculares. Podemos tomar por exemplo as comemorações do dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, onde observa-se a ausência de políticas efetivas de desconstrução do racismo pois, ainda hoje, são comuns nos ambientes escolares ações não contínuas, geralmente pensadas apenas para esta data.

Para promover o debate sobre a questão racial e promover o posicionamento político em favor da educação antirracista, com enfoque na intolerância religiosa, criou-se o projeto de ensino *Ekaabo*. O projeto tem por objetivo posicionar uma lente sob as problemáticas da intolerância para com as religiões de matrizes africanas no Brasil, sendo que, as mais difundidas, conhecidas e que sofrem ataques são a Umbanda e o Candomblé. Neste sentido, as religiões são correlacionadas com outras, no intuito de desmistificar a visão deturpada e distorcida desse grupo de religiões, criada a partir de um olhar racista que tem o senso comum sobre elas, estigmatizando-as como algo negativo, inferior e demoníaco.

Embora a mídia hegemônica não tenha muito interesse nesse tipo de assunto são recorrentes e crescentes os casos de violência religiosa vinculada ao racismo, isto é, o foco dessa violência são as representações dessas religiões<sup>2</sup>, os Orixás.

A intolerância religiosa, discussão importante e polêmica quando abordada em inúmeras salas de aula, precisa ser tratada no contexto escolar, sobretudo quando temos consciência de que as relações sociais podem propagar a supervalorização da cultura branca ocidental em detrimento de outras, o que identificamos como uma estratégia racista da colonialidade. Esse é o tema principal abordado nos textos elaborados durante a construção do website *Ekaabo*, que virá a ser o produto final do projeto.

<sup>1</sup> LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/08/27/video-imagem-de-ogum-e-queimada-na-praca-dos-orixas-em-brasilia.ghtml>> Acesso em: 15 de mai. 2022.



O preconceito, coibição e julgamento sofridos por pessoas praticantes das religiões de matrizes africanas, comumente partilhados na escola, devem ser combatidos. Uma forma de combate é o estudo da cultura afro-brasileira, não somente para efetivação da Lei nº 10.639/03, mas sobretudo, para contribuir com o sentimento de pertencimento e identidade da pessoa negra. A valorização da identidade negra mostra-se muito importante para o combate ao racismo, pois, “[...] as memórias negras são o fundamento e a referência básica para a construção das identidades negras e para a preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro”. (SILVA; ZUBARAN, 2012, p. 138)

Nosso objetivo, portanto, é apresentar *Ekaabo*, projeto comprometido com a emancipação do sujeito no que tange às relações étnico-raciais com foco nas religiosidades oriundas das pessoas negras escravizadas no Brasil. A atividade foi desenvolvida a partir de competências adquiridas na disciplina de *Desenvolvimento Web I*, orientada pelo professor Fábio Luiz Faria da Silva e duas estudantes bolsistas do *Curso Técnico em Informática*, integrado ao Ensino Médio, dentro do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), campus Campo Grande, em colaboração com o *Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas* (NEABI) desta instituição<sup>3</sup>.

## 2. Projeto *Ekaabo*

“Seja bem-vinda/o” e “sinta-se acolhida/o”, este é o significado da palavra *Ekáàbò* em Iorubá; e é assim que desejamos que o leitor e a leitora se sintam ao ler este texto. Com esta premissa, nos propusemos a colocar em pauta a intolerância religiosa vivenciada na escola e debater seriamente sobre o tema, proporcionando um ambiente reflexivo para fomentar tais discussões.

Neste sentido, visando evidenciar a diversidade e contribuir com o desmantelamento da herança educacional hegemônica europeia dentro da sociedade brasileira multicultural e pluriétnica, surgiu o projeto *Ekaabo*. Não somente pela urgência do debate sobre a temática, mas também no intuito de manter viva a essência dos pensamentos do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, cujas ideias defendiam o

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/regulamentos/Resolucao09016RegulamentodoNucleodeEstudosAfroeIndigenasNeabi.pdf/view>> Acesso em: 15 de mai. 2022.



conhecimento é construído em um processo de indagações e inquietações de estudantes e professores, que culminam na pesquisa e, a partir daí, se materializa a arte de educar e se educar, ensinar e aprender (FREIRE, 1996).

Quando falamos da aplicação da Lei nº 10.639 dentro da sala de aula, há um foco nas ciências humanas como únicas responsáveis em abordar os temas da história e cultura africana e afro-brasileira. Contudo, esse é um compromisso daquele docente preocupado com a formação integral dos estudantes e sua emancipação pela educação. Portanto, *Ekaabo* trata-se de um projeto de ensino que teve suas ideias iniciais durante as discussões étnico-raciais levantadas nas aulas da disciplina *Desenvolvimento Web I*, ministrada pelo professor Fábio Luiz, do IFMS, campus Campo Grande. O projeto também contou com a parceria do NEABI da Instituição, cujo um dos objetivos é “auxiliar no processo de inserção dos conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas no currículo escolar<sup>4</sup>”, segundo a página virtual oficial da instituição.

O projeto *Ekaabo* traz uma discussão pertinente sobre escola, religião e diversidade. Foi elaborado, sobretudo, tendo em vista o contexto escolar, para que o *wedsite* possa futuramente servir como ferramenta de apoio para o professor, no que diz respeito à condução dos debates sobre diversidade cultural e religiosa e valorização das identidades em sala de aula. Assim, a aula garante espaços para que os estudantes colaborem de forma reflexiva.

Sabemos que historicamente as religiões de matrizes africanas no Brasil foram demonizadas e podemos observar o mesmo comportamento atualmente, devido às imposições realizadas pelo colonizador, na tentativa de suprimir as crenças nativas ou aquelas diferentes da cristã europeia. No país, as principais representações dessas religiões são a Umbanda e Candomblé, cada uma com suas especificidades trazidas pelos povos africanos escravizados. Segundo o sociólogo Stuart Hall, o processo de unificação cultural da maioria das nações foi consolidado em um longo período de massacre cruel, subjugando todo o complexo cultural dos povos que sofreram com essa violência. (HALL, 1992)

Sabendo-se das resistências quando esta temática é tratada em sala de aula, objetivou-se criar um ambiente favorável à discussão, gerando visibilidade para as religiões

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.ifms.edu.br/assuntos/extensao/inclusao-e-diversidade/estudos-afro-brasileiros-e-indigenas/nucleo-de-estudos-neabi>> Acesso em: 15 de out. 2022.



de matrizes africanas se contrapõem a religiões superestimadas na sociedade. Surgiu, então, a ideia de desenvolver um website agrupando conteúdos relativos à temática sobre intolerância religiosa e que possa ser útil, a quem interessar, especialmente para o docente que desejar levar essas reflexões para seus estudantes.

Vivemos hoje em um ambiente escolar construído com bases racistas, onde se cria e se fortalece a construção negativa da pessoa negra e esta, por vezes, é convencida, mesmo que inconscientemente, a se subalternizar e inferiorizar, pois, eventualmente, pode enfrentar desvantagem em relação ao branco. Como consequência, para adquirir aceitação como sujeito civilizado, o indivíduo pode despertar o desejo de ser branco (FANON, 2008). As diversas situações racistas fazem com que a pessoa negra, desde muito cedo, negue a si mesmo para ser aceita. Esse olhar lançado sobre o negro pode estigmatizar sua identidade, além de segregá-la e negá-la (GOMES, 2003)

A escola é o local onde aprendemos não só saberes escolares, mas também é onde compartilhamos crenças, hábitos e preconceitos, sejam raciais, de gênero, de classe ou idade e é por meio da educação que os sistemas de representações culturais são introjetados e passados de geração em geração. A pedagoga brasileira Nilma Lino Gomes escreveu um artigo evidenciando momentos de preconceitos vividos em passagem pela escola, no que diz respeito à estética do corpo e cabelo da pessoa negra. (GOMES, 2003)

Dentro da escola, onde o processo de autoidentificação se constitui, pois trata-se de um primeiro ambiente de socialização coletiva pública e obrigatória, se perpetuam relações de educação construídas com bases racistas<sup>5</sup>. Stuart Hall sugere que as identidades raciais estão sujeitas a um contínuo jogo da história, cultura e poder. Trata-se de um dos marcadores sociais na construção das diferenças e das identidades culturais (HALL, 1992)

Esse comportamento racista dentro das instituições de ensino, que tem suas bases no processo de colonialidade, está entranhado no âmbito da estrutura social. É pelo racismo estrutural que a negação da identidade negra se constitui no complexo imaginário social e é

---

<sup>5</sup> Historicamente o Brasil assumiu uma postura discriminatória e racista com a população negra. Citamos aqui dois Decretos que comprovam essa situação, que produziu reflexos extremamente negativos no âmbito escolar. O primeiro, é o Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, que estabelecia a proibição de pessoas escravizadas em escolas públicas e a previsão de instrução para adultos negros dependeria da disponibilidade de professores. E o segundo, era o Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, que permitia a pessoa negra estudar somente no período noturno, além de conter diversas estratégias para impedir o acesso desse público à escola.



constantemente reforçado não só pela indústria cultural<sup>6</sup> e pelos meios de comunicação, mas também pelo sistema educacional (ALMEIDA, 2018).

A colonização, iniciada no século quinze no território brasileiro e justificada pela modernidade às custas dos povos originários e africanos, longe de ser uma “descoberta” de novas terras, como foi e ainda é ensinado em ambientes escolares, foi uma invasão europeia de terras pertencentes a outros povos, cujas características são marcadas pela expropriação do sujeito, que, para além da exploração do seu trabalho como forma de acumulação de capital, tem seu corpo apropriado para a manutenção do sistema capitalista (JAEGGI; FRASER, 2020). O termo "colonialismo" é um termo moderno de dominação “baseado na privação ontológica, isto é, na recusa em reconhecer a humanidade integral do outro” (SANTOS, 2019, p.162). Essa ideia racista é uma estratégia que faz com que a pessoa negra não se reconheça.

O IBGE apresenta alguns dados dos últimos anos que mostram os impactos do racismo no contexto brasileiro quando comparamos, por exemplo, a taxa de analfabetismo entre pessoas negras e brancas<sup>7</sup>. Não se posicionar em favor de um movimento de transformação dentro das instituições é manter o *status quo* do racismo brasileiro, que privilegia aqueles que se beneficiam hoje pelo processo histórico de escravização.

A escola deveria ser um ambiente de inclusão e de valorização à diversidade. É papel da escola ampliar o debate capaz de promover estímulos para a transformação social, na busca da formação integral, da cidadania e comprometimento com valores que respeitem às diferenças. É responsabilidade das instituições de ensino se posicionar politicamente contra qualquer forma de discriminação.

Percebemos, portanto, que a ausência da diversidade de discussões sobre a questão racial em nossa formação escolar atribui aos brancos o que chamamos de “cultura clássica”, prevalecendo, com o tempo, o desconhecimento de outras culturas e outros saberes, pois é atribuída a esse grupo a validade do conhecimento.

---

<sup>6</sup> Indústria cultural é uma engrenagem capitalista que, ao cooptar as diversas expressões da arte, as padroniza de acordo com a lógica de ideias da classe dominante e os sujeitos, seguindo a normatização cultural por ela criada, mimetizam comportamentos, pensamentos e ações de diversas naturezas que se apresentam como únicos, naturais, decentes e racionais. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985).

<sup>7</sup> No informativo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil” de 2019, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apresenta que, em 2018, a taxa de analfabetismo entre pessoas pretas e pardas era de 9.1%, enquanto entre pessoas brancas era de 3.9%. O mesmo documento também apresenta que a taxa de cargos gerenciais que a população negra ocupava era de 29.9%, enquanto a população branca era de 68.6%. Disponível em: <https://bit.ly/3vvR08U>. Acesso em: 15 de mai. 2022.



Para contribuir com a desconstrução desse pensamento racista, há de se olhar para a identidade negra, articulá-la com a cultura e educação, além de criticar o privilégio e a colonialidade do saber da branquitude.

Tornam-se necessárias políticas de reparação e reconhecimento da história do povo negro na construção social, política e cultural do país, bem como a valorização de sua identidade. Essas políticas contribuem para a desconstrução do mito da democracia racial, criticado pelo movimento negro desde os anos de 1978, mito este que ignora as desigualdades estruturais criadas em decorrência de séculos de racismo.

O mito da democracia racial exerce grande impacto no imaginário brasileiro, uma vez que a nação se declarando uma democracia racial, acredita na igualdade de oportunidades entre os negros e brancos, contribuindo para um sentimento de incapacidade e inferioridade da população negra, quando ela é responsabilizada por seu insucesso na ascensão social.

A alienação monocultural de apenas uma religião aceitável e possível contribui para a incapacidade de dismantelar o mito da democracia racial e de vencer um sistema ideológico centrado em uma única raiz étnico-racial. Por este motivo, ferramentas como o *Ekaabo* pode ajudar a mudar esta realidade com propostas de debates de cunho racial em sala de aula.

### 3. Resultados

Segundo as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (2004), definidas a partir da Lei nº 10.639, o país carece de organizações escolares comprometidas com a inclusão e que garantam à pessoa negra o direito de aprender e de ampliar conhecimentos sem a obrigação da autonegação, nem de negar o grupo étnico racial ao qual pertence.

Partindo da efetivação da referida Lei é que o professor, estudantes e participantes do *Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas* (NEABI) do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) realizaram a pesquisa e sintetizaram o conteúdo do website *Ekaabo*, como visto na Figura 1, dividindo-o em seis temas que, além de contextualizar, ajudam a



leitora e leitor na compreensão, pesquisa e navegabilidade:

**Figura 1 - Página de conteúdo do site Ekaabo**



**Fonte: Autores (2021)**

### **-Tema 1 – As religiões em diversas culturas**

Religião, culto, seitas, fé, crença, espiritualidade: conceituamos nesse tópico o que são termos como religião e espiritualidade apresentando ao leitor e leitora que, apesar de parecidos, se trata de coisas distintas;

Religiões do escopo do projeto: julgamos importante delimitar o escopo do projeto selecionando quatro matrizes religiosas, duas costumeiramente preteridas (africanas e indígenas) e duas geralmente enaltecidas (grega e católica), para que pudéssemos correlacioná-las às divindades, explorando características culturais de cada uma;

Religiões de matrizes africanas no contexto brasileiro: Neste tópico abordamos sobre como se constituíram a Umbanda e Candomblé no país, a partir dos povos africanos;

Sincretismo religioso: definimos aqui o sincretismo religioso brasileiro formado sobretudo pela fusão cultural das crenças cristãs com as crenças oriundas dos povos escravizados.

### **-Tema 2 – Cultura, história e religiões de matrizes africanas**

Relação das religiões com outros fatores culturais, como a comida e a dança:



---

apresentamos nesse tópico a forte relação entre as religiões de matrizes africanas e a cultura brasileira e como essas características se fazem presentes;

Símbolos e afirmação da identidade: aqui mostramos dois exemplos de traços fortes do berço cultural dessas religiões, a capoeira e a culinária, que estão intimamente relacionados com o pertencimento cultural e identidade.

### **-Tema 3 – O racismo e as religiões de matrizes africanas**

Racismo religioso: discutimos neste tópico a interseccionalidade entre intolerância religiosa e racismo e como esse último acirra e agrava o cenário de casos de violência contra as pessoas praticantes das religiões de matrizes africanas;

Contribuição do neopentecostalismo para o racismo religioso: apresentamos aqui o olhar negativo e desprovido de conhecimento lançado pelo neopentecostalismo, cuja repercussão estimula a perpetuação da intolerância religiosa;

Casos de racismo religioso encontrados na mídia: trouxemos neste tópico alguns casos de intolerância e violência religiosa veiculados pela mídia, reforçando que praticantes da Umbanda e Candomblé sofrem apenas por praticarem sua fé.

### **-Tema 4 – Ambiente escolar e ensino religioso**

O ensino Cristão em detrimento de outras crenças: mostramos de forma sucinta como o ensino religioso foi, ao longo do tempo, naturalizado pelos cristãos como prática no ambiente escolar;

A intolerância religiosa no ambiente escolar: abordamos aqui que ainda é presente no ambiente escolar a intolerância religiosa e, para debater mais a fundo sobre o tema, convidamos a Professora Doutora em Letras Vernáculas/ Literatura Brasileira pela Universidade Feral do Rio de Janeiro (UFRJ), Renata de Oliveira Batista Rodrigues, com o título *Religiões de Matrizes Africanas e Escola: Algumas Percepções*, organizada como parte do projeto.

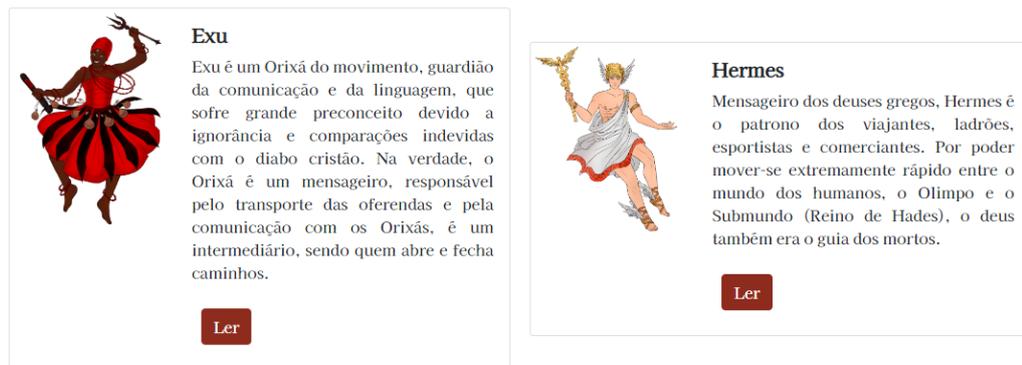
### **-Tema 5 – O estudo de religiões de matrizes africanas como efetivação da Lei 10.639**

A importância do estudo das religiões de matrizes africanas: destacamos aqui a importância do estudo das religiões de matrizes africanas sobretudo no contexto cultural. Abordar esse tema em sala de aula trata-se de apontar para a responsabilidade política do

indivíduo pelo preconceito e racismo no ambiente escolar;

Comparação das figuras em diferentes religiões: realizamos aqui uma comparação entre as características de divindades presentes nas religiões, que fazem parte do contexto do projeto, com o intuito de mostrar que algumas, em especial a grega, é supervalorizada em detrimento de outras. Um exemplo muito adequado à proposta é quando relacionamos Hermes e Exu, como apresentado na Figura 2. Ambos são mensageiros, sendo o primeiro, da mitologia africana, comumente associado à figura do mal, demoníaca. O segundo, da mitologia grega, possui traços que no senso comum se assemelha a uma criatura angelical. A associação deste orixá com o demônio criado pelo cristianismo está tão presente em nossa sociedade, que foi tema da escola de samba *Acadêmico da Grande Rio*, no carnaval de 2022, para, justamente, combater o racismo religioso e desmistificar Exu<sup>8</sup>.

**Figura 2 - Página de comparação entre divindades religiosas: Exu e Hermes**



**Fonte: Autores (2021)**

#### 4. Considerações Finais

Para além da proposta concreta de implementação do website *Ekaabo*<sup>9</sup>, obtivemos diversos resultados profícuos. Debates entre os estudantes sobre o tema propiciaram a criação de uma página específica dentro do site, para estabelecer um diálogo direto entre os internautas e o NEABI, do campus Campo Grande, do IFMS.

Realizamos uma palestra ministrada pela professora Doutora em Letras Vernáculas/Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Renata de

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/24/exu-nao-e-diabo-saiba-quem-e-orixa-mensageiro-do-enredo-da-grande-rio.ghtml>> Acesso em: 15 de mai. 2022.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://ekaabo.herokuapp.com/>>



Oliveira Batista Rodrigues, com o título *Religiões de Matrizes Africanas e Escola: Algumas Percepções*, disponível no *website*, na qual a professora compartilhou um pouco da sua experiência como docente que assume para si a responsabilidade por uma educação antirracista pautada em Leis e Estatutos. Com isto, recebemos o convite para participar da semana pedagógica do IFMS, para partilharmos, de forma eficiente, nossa experiência com o projeto<sup>10</sup>.

Tivemos o envolvimento constante e profundo das estudantes bolsistas, que se debruçaram nas pesquisas e, com comprometimento, elaboraram os textos disponíveis no *website* e cujas referências constam na página do *Ekaabo*.

Como docente, percebo o longo caminho a trilhar em direção a uma educação emancipatória, que promova a reflexão, o respeito à diversidade. Apesar da Lei 10.639/03, Art. 26-A explicitar as áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras, ela não se limita somente a essas áreas. *Ekaabo*, além de desenvolver competências tecnológicas adquiridas durante o curso, também une a tecnologia a um tema tão necessário e de extrema urgência para a construção de uma sociedade cujos indivíduos possam se sentir respeitados e conscientes de suas identidades.

## 5. Referências

ADORNO, Ludwig Wiesengrund e HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas. In: **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASÍLIA. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>> Acesso em: 15 de mai. 2022.

BRASÍLIA. **LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em:

---

<sup>10</sup> IFMS. Disponível em: <[https://youtu.be/KHr\\_AQFdPXc](https://youtu.be/KHr_AQFdPXc)> Acesso em 15 de mai. 2022.



---

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)> Acesso em: 11 de mai. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRASER, Nancy e JAEGGI, Rahel. Capitalismo em Debate: Uma conversa na Teoria Crítica. In: **Conceitualizando o Capitalismo**. Boitempo, 2020.

FREIRE, Paulo (1996). **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SILVA, Petronilha; ZUBARAN, Maria; **Interlocuções sobre estudos afro-brasileiros: Pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 130-140, Jan/Abr 2012.